

Reunião de Bush das Maiores Potências Emissoras em Toyako: beco-sem-saída para as mudanças climáticas

Julho de 2008

O que é a Reunião das Maiores Potências Econômicas (MEM)?

A Reunião das Maiores Potências Econômicas (originalmente Maiores Emissores de Carbono ¹) ocorre em Toyako, no Japão, no dia 9 de julho, em paralelo à cúpula do G8. É uma tentativa do governo Bush de se esquivar da crítica internacional à sua atitude de 'inércia' com relação às mudanças climáticas. Segundo o Departamento de Estado dos EUA, o processo é "uma nova iniciativa no sentido de desenvolver e contribuir para um plano pós-Kyoto sobre segurança energética e mudanças climáticas, até o final de 2008²".

É difícil entender por que líderes como Merkel, Brown ou Sarkozy querem ser fotografados junto ao Presidente Bush, em uma reunião sobre mudanças climáticas, apenas alguns meses antes do término do mandato do presidente americano, e depois de ele ter passado oito anos criando obstáculos, sistematicamente, a uma atuação global mais decisiva em relação às mudanças climáticas. O Greenpeace considera positivo o fato de os líderes mundiais tornarem as questões climáticas um ponto chave de suas agendas políticas, mas acredita que qualquer reunião de cúpula deva ter como anfitrião a Organização das Nações Unidas, e incluir os países mais afetados pelas mudanças climáticas, como as pequenas ilhas e países menos desenvolvidos.

Como a MEM se encaixa nas negociações da ONU sobre a segunda fase de Kyoto, após 2012?

Durante as negociações da ONU, em Bali, na Indonésia, em dezembro de 2007, a agenda obstrutiva às questões climáticas do governo Bush estava clara para quem quisesse ver: eles fizeram naufragar o Plano de Ação de Bali, relegaram a ciência climática a uma nota de rodapé da declaração final e tiveram de ser expostos à vergonha pública pela comunidade internacional para aceitarem um mínimo consenso³.

¹ Ao usar a expressão 'Maiores Emissores' o governo Bush estava tentando sugerir que os EUA e países em desenvolvimento, como a Índia e a China, são todos 'parecidos' em termos de impacto sobre o clima. Essa premissa ignora a responsabilidade histórica das nações desenvolvidas, especialmente os EUA, pela maior parte das emissões que atualmente afetam a atmosfera e, com toda razão, foi rejeitada pelos governos dos países em desenvolvimento.

² Ver <http://www.state.gov/g/oes/climate/mem/>. O uso da expressão "pós-Kyoto" já revela o quanto o processo é tendencioso, pois implica que Kyoto não terá continuidade. Na realidade, segundo o Protocolo de Kyoto, os países estão obrigados, legalmente, a se comprometerem com metas de redução das emissões para os anos seguintes a 2012.

³ Ver <http://www.greenpeace.org/international/press/releases/bali>

Conseqüentemente, os representantes da administração Bush ficaram isolados durante as negociações, já que a União Européia deixou claro que novas reuniões MEM seriam inúteis se as negociações de Bali fracassassem. França e Alemanha, em particular, ameaçaram não comparecer às reuniões MEM, a menos que os EUA concordassem com um plano de ação para salvar o planeta. Essa ameaça contribuiu, em parte, para forçar os EUA a finalmente aceitarem o início de uma nova rodada de negociações no âmbito da Convenção-Quadro sobre Mudanças Climáticas da ONU. Mas os verdadeiros avanços só ocorreram no âmbito do Protocolo de Kyoto, em Bali. No Protocolo de Kyoto, os governos concordaram com o que a ciência exige, ou seja, que os países industrializados devem cortar suas emissões em pelo menos 25-40% até 2020 (em comparação aos níveis de 1990). Entretanto, os EUA ainda não ratificaram o Protocolo de Kyoto⁴.

Depois que os EUA cederam, França, Alemanha e outros países baixaram o tom das críticas (públicas) à MEM. Apesar das recentes tentativas de dar uma roupagem positiva à MEM, o processo tem pouco apoio de outros países presentes ao encontro. A primeira reunião, em Washington DC, foi descartada e chamada de “completo mistério”⁵ por um funcionário sênior da UE. Mais recentemente, os burocratas se mostraram animados com algumas discussões francas ocorridas a portas fechadas. Mas o processo MEM não conseguiu gerar qualquer progresso nas questões que realmente importam, como a definição de metas de emissão para 2020⁶.

Então, por que o Greenpeace se opõe à MEM?

Bush, apoiado particularmente pelo Japão, está usando a MEM para forçar a *substituição* de compromissos internacionais obrigatórios por declarações voluntárias. A proposta de adesão voluntária de Bush é incompatível com as ações necessárias, segundo os cientistas, para atacar as mudanças climáticas. Ela é contrária ao Protocolo de Kyoto, único acordo global para redução das emissões de gases estufa. Assim, as propostas de Bush representam um obstáculo ao acordo global sobre o clima de que o mundo necessita: um acordo baseado em compromissos reais. A MEM corre o risco de minar as negociações em andamento na ONU. O Greenpeace conclama os governos a direcionarem todos os seus recursos de negociação para as discussões globais sobre o clima, na ONU, e a concordarem em fortalecer seu compromisso com metas para depois de 2012, até dezembro de 2009.

Houve três reuniões MEM oficiais: a primeira ocorreu em Washington DC, em setembro de 2007, a segunda em Honolulu, no Havaí, em janeiro de 2008⁷ e a terceira em Paris, em abril de 2008. Também houve um encontro MEM informal, paralelo ao chamado Diálogo Gleneagles, em março de 2008, em Chiba, no Japão, e uma reunião de preparo da declaração da cúpula de líderes MEM, em 21 e 22 de junho, em Seul, na Coreia do Sul⁸.

Os países participantes da reunião são: Japão, França, Alemanha, Itália, Reino Unido, China, Canadá, Índia, Brasil, Coreia do Sul, México, Rússia, Austrália, Indonésia e África do Sul. Representantes da ONU, da Presidência da UE e da Comissão da UE também estarão presentes. Os países com maior risco de impacto

⁴ Sobre os resultados de Bali, comparar:

<http://www.greenpeace.org/raw/content/international/press/reports/the-bali-decisions.pdf>

⁵ Ver <http://www.guardian.co.uk/environment/2007/sep/29/usnews.climatechange7>

⁶ Ver <http://www.reuters.com/article/latestCrisis/idUSSE0150519>

⁷ Ver <http://www.greenpeace.org/international/news/bush-monumental-failure>

⁸ Ver <http://www.reuters.com/article/latestCrisis/idUSSE0150519>

das mudanças climáticas, como os pequenos estados insulares (AOSIS), não foram nem mesmo convidados para ocupar um lugar à mesa em Toyako. Isso é moralmente inaceitável.

Mas a MEM não pode ajudar a cortar as emissões em todo o mundo?

Os países presentes em Toyako respondem por mais de 90% das emissões mundiais de gases estufa. Mais de 80% das emissões que hoje afetam a atmosfera são provenientes apenas dos países do G8. Uma atitude concreta dos países reunidos no Japão poderia resultar em cortes drásticos das emissões. Mas isso exigiria metas obrigatórias para países industrializados, que os EUA rejeitam e o Japão já questionou em diversas ocasiões nos últimos meses.

A comunidade empresarial dos EUA apóia limites de emissões obrigatórios. Mais de vinte grandes empresas americanas, como Ford, General Electric, General Motors, Dupont, Duke Energy e Chrysler, exigem uma legislação interna de limites e comércio (*cap-and-trade*) que leve ao início imediato do processo de corte das emissões americanas, para que se possa alcançar a meta de corte de 60 a 80% até 2050. O Greenpeace acredita que sejam necessários cortes ainda mais drásticos, mas a abordagem e o direcionamento propostos estão corretos.

A UE, a China e outros países presentes à MEM prestaram apoio inequívoco ao Protocolo de Kyoto na rodada de Bali de negociações sobre o clima. Eles devem também apoiar o Protocolo de Kyoto em Toyako e deixar claro que não se afastarão da responsabilidade de fortalecer o acordo global. Apesar das obstruções dos EUA e do Japão, novas e decisivas negociações sobre um regime climático global fortalecido para o período após 2012 foram iniciadas com seriedade em Bangcoc no começo de abril de 2008. Essas negociações devem agora receber todo o apoio da comunidade internacional. Questões cruciais, como o acordo para um corte global das emissões de pelo menos 50% até 2050, em relação aos níveis de 1990, como exigem os cientistas, precisam ser levadas adiante e acertadas no âmbito das Nações Unidas, em vez de serem sabotadas pelo espetáculo à parte de Bush sobre o clima.

Por que Bush está forçando publicamente a questão das mudanças climáticas no final de seu mandato?

Depois de sete anos de obstruções, o governo tenta mostrar uma postura atuante quanto às mudanças climáticas até que Bush deixe a presidência, mas isso não passa de um teatro. O governo Bush percebe que perdeu a confiança do povo americano e da comunidade internacional. Seus representantes vêem a MEM como uma última chance de fechar um acordo frouxo antes que um novo gabinete, com posições mais firmes sobre o aquecimento global, assuma a presidência. Os Senadores McCain e Obama, ambos, apóiam a fixação de limites obrigatórios para as emissões de gases estufa através de um sistema *cap and trade*. O restante do mundo não deve permitir que o governo Bush vincule a comunidade internacional a metas frouxas ou apenas ações voluntárias. A comunidade internacional deve se lembrar de que Bush é o 'patinho feito' e já não estará na presidência quando a próxima fase de Kyoto for discutida em Copenhague em 2009.

O Greenpeace apóia a abordagem setorial para redução de emissões?

As chamadas 'abordagens setoriais' serão defendidas veementemente pelo governo japonês na MEM. Nos últimos meses, o Japão sugeriu, algumas vezes, ações em setores específicos, como a indústria de cimento, como alternativa a um firme

compromisso nacional com a redução de emissões. Isso é inaceitável. As estratégias setoriais representam a morte da efetiva proteção ao clima, se consistirem em um simples convite à indústria para declarar o que quer fazer, voluntariamente. Em diversas oportunidades, o Japão já disse que, somando todos os compromissos voluntários dos setores industriais, o país estaria disposto a concordar com um novo plano nacional, 'construído de baixo para cima'.

Entretanto, o que precisa ser feito deve ser acordado com base na ciência climática e na conseqüente necessidade imperiosa de reduções reais no mundo desenvolvido. O Ministro da Energia britânico, Malcolm Wicks, disse o mesmo em Chiba em 14 de março de 2008: "Não se pode brincar com isso. É preciso haver metas internacionais claras e estas precisam se traduzir em metas para os países.⁹" Nas recentes negociações sobre o clima, na ONU, em junho de 2008, o Japão finalmente parece ter aceitado esse ponto de vista. A declaração final da MEM será um teste, para vermos se o Japão quer usar 'estratégias setoriais' como uma brecha para escapar às metas obrigatórias de redução de emissões – ou não. Para os países em desenvolvimento, a tomada de atitude de alguns setores específicos - como a expansão do uso de energias renováveis na China - pode representar *uma* estratégia possível para descarbonizar seu caminho rumo ao desenvolvimento. Essas ações de mitigação em setores específicos devem ser apoiadas por transferência de tecnologia e recursos financeiros dos países industrializados – como foi prometido em Bali.

9